

CONGRESSO ACADEMICO

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACTORES

Pedro Motta (Redactor chefe)—Rodrigo Costa (Redactor Secretario)—Gaspar Regueira (Redactor Gerente)
Paulo Amaral, Correia Lima e Laudelino Baptista

CAPITAL

Trimestre. 2\$000

Recife, 15 de Agosto de 1896

FORA DA CAPITAL

Trimestre. 2\$500

EXPEDIENTE

Redação—Rua do Hospicio
n. 1, 1.º andar.

SUMMAEIO.—*O Nosso contingente.*
—*Uma pagina da historia do Direito Romano.* Clovis Bevilacqua.—*A Recacção contrao positivismo.* Rodrigo Costa.—*Soneto.* Correia Lima.—*As duas cegueiras ou o cego duas vezes.* Gonzaga de Arruda.—*Habeas-Corpus.* Ernesto Garcez.—*Zelia.* Soriano de Albuquerque.—*A Questão do divorcio.* Laudelino Baptista.—*Visão.* Augusto Cavalcanti.—*Soneto.* Newton Burlamaqui.—*As religiões são uteis ao homem.* Pedro Cirne.—*Supplicio.* Augusto Meira.—*Contos a lapis.* Block. *L'Anima Tua.* Gaspar Menezes.—*Chronica.*—*Estatutos do Congresso Aacademico.*

CONGRESSO ACADEMICO

Recife, 15 de Agosto de 1896.

O NOSSO CONTINGENTE

A evolução social, por mais lenta que se nos afigure, deve em grande parte a sua marcha á voz da imprensa que no dizer sympathico do immortal auctor dos MISERAVEIS é a voz do mundo. Si nos idos tempos, em epochas anteriores á era de 1440, as questões biologicas e sociologicas não eram assaz conhecidas por sobre toda a superficie do globo porque o genio eminentemente superior de Guttemberg não havia ainda engendrado o colossal invento, nos tempos que correm os mais graves e momentosos problemas não encontrando o tribunal supremo, *A Magistratura da União*, onde causas de inestimavel valor são elucidadas com extrema clareza.

Sem querermos nos remontar a datas avoengas e sem perscrutarmos os segredos que então se desenrolaram nos varios periodos do ETERNO RECOMEÇAR, na phrase de Bourgade, no abençoado solo brasileiro encontramos paginas brilhantissimas onde o espirito observador verifica os resultados salutaes da maravilhosa invenção do sabio allemão.

Os mais importantes assumptos politico-sociaes que gradativamente se operão na sociedade brasileira; as mais sabias reformas que se não feito mesmo nos derradeiros tempos, têm tido como bussola certa a imprensa, a sentinella vigilante que sobre sêr a protectora dos brios nacionaes, é a maior e a mais segura garantia que se nos antolha em vendo a nossa vida e os nossos haveres em perigo de ameaça imminente.

Quando—não nos embrenhemos muito longe—do então Imperio do Brazil um punhado de humanitarios comprehendendo sêr uma vergonha para nós a maldita instituição do captiveiro, a porção de heróes que advogava a causa santa dos martyres encontrou como reverbero de nossa magua a imprensa e foi essa portadora de opiniões que sem treguas e sem receios abriu luta franca e destemida contra o senhorio algoz que tinha a seus pés, subjugadas e aviltadas, centenas de victimas, banidas da convivencia social, como se Deus houvesse creado homens para servos dos homens. Feita a redempção dos captivos, sem que o solo da patria fosse molhado com o sangue resultante de balas fraticidas, á imprensa coube loiros pela pugna victoriosa.

Conseguida que foi a sacrosanta cruzada, que sobre modo nos dignificou ante o mundo civilisado, mister tornava-se uma outra propaganda—qual a da emancipação da raça livre do jugo braganfino.

Si os adeptos da mais pura forma de governo que soe existir no mundo politico, quer em theoria, quer em pratica, não encontrasse como defensora da sublimidade idea a voz possante e convincente

da imprensa, talvez que hoje ainda estivessemos sob a governança humilhante de uma familia privilegiada na arte de dirigir os povos—e não entoassemos, satisfeitos, o hymno da Liberdade!

Outras reformas, igualmente necessarias que se não feito, maxime após a insurreição triumphante de 15 de Novembro, têm sido guiadas ou aconselhadas pelos são dictames da imprensa. Mau grado, porém, nem todos os espiritos aliás cultivados não feito da imprensa o baluarte seguro para a felicidade dos povos: não raro ahi em fora se transformão as columnas de um jornal em mero catalogo de epithetos gosseiros, e não de raro em raro diatribes insultuosas são architectadas para opprobrio do jornalismo brasileiro—trocando-se assumptos de interesse geral em campanhas diffamantes, levando até discórdias nos recessos sagrados do lar domestico.

Mas...

Si o Brazil, em perturbações internas, ligeiras todavia, tem presenciado tal ou qual agitação no scenario politico, social e financeiro, a situação anormal algum tanto decresce e não tardiamente surge a acostumada serenidade—mercê á orientação que dão os órgãos de publicidade. Ainda mesmo quando, em convulsões institucionaes, faz-se preciso em nosso paiz a suspensão das garantias que nos assegura o pacto fundamental de 24 de Fevereiro, e a liberrima instituição que teve por berço a Inglaterra no anno de 1215 não pôde ser invocado em auxilio dos faltosos—«o Habeas-Corpus dorme, emquanto que a imprensa véla»—fazendo nossas as palavras de Chateaubriand.

O nosso modestissimo periodico, órgão de uma associação juridico-litteraria fundada e mantida por nós outros que aprendemos na Academia de Direito do Recife, ao envez de ser um contingente forte em prol dos mais vitais interesses da patria, é comtudo um fraquissimo mas devotadissimo defensor de todas as boas causas que por ventura surjam em demanda de uma orientação seria e pensada.

E' por isso, pois, que sem velleidade crêmos que o nosso jornal é por sem duvida pequeno mas dedicado contingente á prosperidade da Republica Brasileira—carecedora dos serviços e dedicação da mocidade das Escolas, sempre prompta a não regatear sacrificios quando o bem publico exige vigilancia dos que podem combater pela penna e pela espada.

A nós outros que procuramos servir á terra onde nascemos com a força de nossa intelligencia e com o exorço de nosso trabalho, não nos desanimamos no transitar difficil e espinhoso da vida jornalística, e pelo contrario, dia a dia, nos sentimos mais animados para a luta encetada.

De feito ; somos fracos mas nos sentimos com a coragem de um forte...

Uma pagina de historia do Direito Romano: A Constituição do Estado, o rex, o senado, as magistraturas.

Reunidos as gentes dos ramenses, dos ticiensis e dos luceres, surgiu uma formação sociologica de nova especie: a cidade romana, a enorme aguia de garras ferreas que havia de empolgar o mundo antigo pela conquista da força aliada á tenacidade; e que havia de desdobrar as longas azas protectoras sobre o mundo moderno offerecendo-lhe as bases de seu direito.

Nesse primeiro momento de junção fecunda das tres gentes, o homem, embora preso ainda pelos vinculos do costume á sociedade familiar, se reconhece membro de uma comunidade mais vasta que actúa sobre elle suscitando-lhe sentimentos novos, determinando-lhe idéas que lhe alteram a concepção da vida social e de seu destino. A situação geographica da cidade prepara-lhe a prosperidade, que a ousadia empolga e desenvolve, que a perseverança mantém, e a que os genios propicios dão as fulgurações deslumbradoras que a historia registra em pasmo. E, então, o feliz habitante da cidade que ondula pelas encostas dos montes orgulha-se em se declarar *civis romanus*, quer tenha a plenitude do direito (*civis optimo jure*) quer lhe caiba somente a minguada partilha dos fracos (*civis non optimo jure*).

Olhemos por um de seus aspectos, a composição social que offerece esse povo extranho e forte que si nem sempre captiva a nossa sympathia, jamais perderá os direitos á nossa admiração.

No povo romano, destacam-se, no momento de sua expansão vital e conquistadora, dois elementos, direi duas classes juridicamente distinctas: a plebe e os patricios. « A plebe, dizem as Institutas (1, 2, § 4) differo do povo como a especie do genero, porque a palavra povo significa a totalidade dos cidadãos, incluídos os patricios e os senadores, e a palavra plebe significa os demais cidadãos excluídos os patricios e senadores. » E' a noção que se encontra em Festus, em Gellius e em Gaius, apesar de que, ao tempo deste ultimo, como ao tempo das Institutas justinianicas já se havia operado a incorporação da plebe ao povo.

Curioso é indagar a origem da distincção destas duas classes cujas luctas memoraveis enrijeceram o povo romano, e o tornáram mais apto para sustentar a pugna tremenda a que se atirou tendo contra si populações aguerridas, na-

ções opulentas, estados sabiamente organizadas.

Não é facil a escolha da melhor opinião si nos deixarmos emocionar pela auctoridade dos mestres, porque os pareceres se degladiam desencontrados, cada qual mais copioso em boa e solida erudição. Padelletti (1) sustenta que a plebe se formou por levias successivas de imigrantes e de vencidos transportados para Roma. Cogliolo, seu douto commentador, não se mostra rendido ás razões de Padelletti, e recorda a opinião de Voigt como mais aproximada da verdade. Voigt explica a formação da plebe (2) pela existencia de um povo vencido que foi, a principio, dediticio, e, mais tarde, passou á condição de cliente dos romanos. Quando o numero desses dediticios cresceu muito, e já era talvez difficil achar patronos para as familias que o constituíam, entráram elles para a clientela do rei, o que aconteceu ao tempo de Ancus Martius, e nesta situação os encontrou Servius Tullius que os incorporou ao Estado na qualidade de plebeus. Posteriormente os dediticios não se submeteram mais a essa evolução que tendia para sua emancipação; permaneceram jungidos a sua condição originaria. Pantaleoni (3) acha que os patricios eram descendentes dos sabinos ou ramnenses e que os plebeus eram os descendentes dos ticienses ou latinos.

Fustel de Coulanges (4) corroborou a hypothese de Voigt emquanto faz derivar a plebe de populações vencidas, e como vencidos é que os plebeus não tinham religião nem familia nos tempos primitivos aos quaes se refere Tito Livio.

Mas contraria, por outro lado, a opinião de Voigt, porque não aceita confusão, mesmo parcial e localisada, entre plebeus e clientes, pois que os plebeus se queixavam, desde os primeiros momentos, de que os patricios dispuzessem de toda a influencia politica auxiliados por seus clientes (5).

Mas é possível explicar que os factos allegados pelo historiador romano se enham dado e, não obstante, a transformação da clientela manumettida em plebe tenha sido uma realidade. Emquanto clientes, eram os individuos asseclas dos patricios; depois de manumettidos, iam constituir a classe que se lhes oppunha, conservando o antigo odio de servos que soffreram e que ambicionam um desforço. E' assim que se comprehende como duas auctoridades das inais conspicias nestes assumptos, Mommsen e Jhering, affirmem que a plebe é a clientela manumettida (6).

CLOVIS BEVILAQUA.

(Continua)

A Reacção contra o positivismo

(Conclusão)

A concepção absurda que o positivismo faz do Christianismo dando-lhe como fundador não Jesus Christo mas S. Paulo é uma das originalidades características desse systema.

Entretanto, quem é que, lendo a historia da Igreja com imparcialidade, pode deixar de reconhecer o inspirador,

(1) Padelletti, — *Storia del diritto romano*, cap. I not. 3.

(2) e (3) *Apud* Cogliolo, nota v ao cit. cap. I de Padelletti

(4) *La cité antique*, p. 277 e segs.

(5) Livius, I 56 e 64, VI, 46 etc.

(6) Jhering, — *L'esprit du droit romain*, I, p. 245.

o creador da doutrina christã ao proprio que lhe deu o nome?

Todos os apostolos são dominados pelo mesmo sentimento confortativo, todos publicamente proclamam os ensinamentos do Mestre como verdades e não se dizem mais do que simples órgãos da doutrina evangelica.

Ora, se isto é certo, comprovado pelos proprios livros do Novo Testamento que é a crystallisação da doutrina e portanto fonte veridica della, em que é que se basea o comtismo para sustentar semelhante these?

Com os novos methodos introduzidos no estudo da Historia é inaceitavel qualquer theoria que não se estribe em factos, em acontecimentos constatados nas fontes.

Despresar os elementos positivos de um successo para idealisar premissas falsas e chegar a consequencias erroneas é o que faz o positivismo em relação ao fundador do Christianismo; quando todos os orientalistas até mesmo os infensos á Igreja são accordes em confirmar essa verdade que os meninos sabem de cor antes mesmo de aprenderem o *abc*.

Uma outra aberração doutrinal do comtismo (e esta chega ás raíais do ridiculo assucarada de pueril presumpção) é que as sociedades modernas precisam de um novo dogma religioso para alentar-lhes as fibras frouxas pelo *enfraquecimento* do Catholicismo que já chegou ao seu termino como religião.

Si a Igreja não tem o poderio que exercia na idade media constituindo-se a força impulsionadora de toda a engrenagem politico-social da Europa, si a Igreja actualmente despiou-se da auctoridade immensa que desempenhava outr'ora, restringindo a sua orbita de acção ao campo propriamente espiritual e moral, não podemos atinar porque é que Comte diz ser necessario á nossa civilisação um novo credo religioso, para salvar-a assim da *anarchia mental*.

Com effeito, a nossa epocha não necessita mais de um poder superior a todos os outros que sirva como que de ultima dirimente aos conflictos existentes, por isso que as nacionalidades mal debuxadas então, hoje se constituíram organismos vivos corporificados em existencia duradoura.

Ora, desde que os povos não haviam tomado uma direcção segura dos seus destinos, titubeando nos caminhos de uma futura organização, era imprescindivel que a Igreja, unico corpo constituido e que podia vencer as escabrosidades oriundas daquelle estado cahotico após a invasão dos barbaros, tivesse a ascendencia sobre as actividades polymorphicas da média idade.

A sua acção benéfica para as synergicas consolidações das instituições humanas era uma necessidade logica da Historia, que estava de perfeito accordo com a sua doutrina de paz, de amor, de conagração, de unificação, de solidariiedade.

Formadas as linguas neo-latinas, constituidas as nações nas suas differenciações particularistas de raça, genio, meio etc., a acção preponderante da Igreja ia-se tornando desnecessaria, por isso que os grandes males que reclamavam prompto remedio iam desaparecendo e surgindo da confusão a eurythmia necessaria para a vida das instituições.

Portanto, inferir-se do facto da Igreja não exercer influencia exagerada nos destinos das nações como no periodo medievico, que ella decahiu, que se estorce nas vascas de uma dor prestes a envolvê-la no sudario da morte é desconhecer uma lei historica que se desenrolou no vasto periodo intermedio de 473 a 1453.

Cessata causa cessat effectus.

Já se vê, pois, não constitue decadência do dogma christão a ausencia da preponderancia de que acima fallamos, desde que attendermos que o tecido da cultura medievica havia engrossado e tomado consistencia bastante para emergir forte e compacto.

A Igreja que soube inspirar as mais bellas creações artisticas que hão illuminado a constellação do pensamento—*Paraíso Perdido* de Milton, *Divina Comedia* de Dante, *Jerusalem Libertada* de Tasso para não descera minudencias, que traduziu o sentimento religioso no vago da architectura das suas Basilicas não decahiu; pois que a sua influencia persiste tomando um realce mais brilhante no nosso seculo onde a sua auctoridade acatada pelas potencias do mundo se faz sentir do modo mais proprio para a humanidade.

Não insistimos neste ponto, porque o positivismo como religião está classificado pelo bom senso como um caso de teratologia morbida sem condições de viabilidade.

No Brazil se falla em positivismo de 1889 para cá; por causas especialissimas teve elle um certo incremento no nosso meio intellectual, exercendo mesmo influencia nos primeiros passos da Republica.

« Graças, diz o Sr. Jesé Verissimo, praças a influencia militar do primeiro governo da Republica e principalmente do general Benjamin Constant que com razão ou sem ella passava por decidido sectario de Augusto Comte, o positivismo foi quasi uma religião do Estado a qual não era por ventura desvantajoso praticar. Pullulavam por esse tempo os positivistas, pois sel-o era uma boa recommendação, (1)

E Ruy Barbosa, na sua linguagem de talento privilegiado, disse uma verdade que todos *una voce* reconhecem: « A escola de Comte floresce no Brazil apenas como um grupo de systematicos, a nata se quizerem do nosso philosophismo, mas uma nata que o paladar publico não acceta, que se isola como uma colonia de utopia, que representa aos olhos da nação uma milicia pugnaz, exclusivista e intolerante. Não vejo indícios de que a nossa raça venha a trocar tão cedo pela religião da humanidade, inventada em Comte, a religião da caridade, encarnada em Christo. Igreja por igreja, o arremedo catholico do philosopho francez está longe de emparelhar com o catholicismo na sua grandeza, no seu conhecimento do coração, no seu poder reverencial, nas virtudes educativas de sua disciplina. » (2)

Depois religião natural não se adapta ás necessidades da humanidade.

Nem o coração, nem a intelligencia, nem o sentimento de adoração para com o Ser infinito acham sua satisfação em uma religião puramente philosophica.

Sempre e por toda a parte acreditam os homens ser preciso honrar a divindade por um culto publico não sendo este estabelecido pela auctoridade do proprio homem.

A historia das religiões nol-o attesta e Jules Simon, citado pelo *Abbé de Broglie*, reconhece a existencia desta difficuldade na ultima parte do seu livro sobre a religião natural. Platão, cujo genio universal todos admiram, já falava no mesmo sentido e depois de ter discutido o valor das ceremonias pagans, concluia dizendo que era preceito observar a tradição até que apparecesse um enviado do céu que ensinasse aos ho-

mens como se presta a divindade o culto que lhe é devido. (3)

Conclue-se do que fica dito que só se comprehende religião quando tem uma origem superior á contingencia humana, quando se prende por assim dizer a um ponto intangivel que se manifesta em feixa de luz adamantina ao coração e intelligencia comprovada ainda pela tradição, eterno fio mysterioso, atado no rochedo do primeiro sorriso fugitivo do mundo.

Comte reconheceu como uma necessidade imprescindivel á humanidade a religião e neste ponto confirma a universal lei de psychologia que domina os povos, isto é, o sentimento de religiosidade. Neste ponto o fundador do positivismo é logico; por isso que o philosopho, o poeta, o jurista, o artista precisam de um culto superior a todos os outros que paire em regiões sublimes onde o sentimento se expande em melifluo soluçar ineffavel, e a alma procura banhar-se no doce vagido da fé

E de todas as religiões, proclamam pensadores e philosophos, a que offerece fonte para revigorar o caracter, retemperar as energias enfraquecidas no batalhar da vida, polir o sentimento de suas rugas latentes, purificar os costumes, impulsionar as actividades honestas ao trabalho e progresso, constituir a sociedade sobre bases duradouras capazes de resistir os attritos de revolta é a Religião Catholica de quem um grande espirito justamente disse poder ser chamada o ideal de uma religião positiva.

Sim, o Catholicismo é a religião positiva por excellencia; por isso que possui o segredo das grandes transformações sociaes, tendo para todos os males que nos affligem um remedio, para todas as idéas generosas animação, para todos os erros o inilludivel contrapeso da verdade.

Devemos terminar ertas pallidas linhas trasladando o pensamento de Paul Bourget, referido pelo illustre philosopho cujo livro nos proporcionou assumpto para esta digressão litteraria, o qual no seu romance *Cosmopolis* diz: « Leão XIII é o que tem em suas mãos remedio contra o mal que parece incuravel, o sceptismo dissolvente e o delectantismo contemporaneo. »

RODRIGO COSTA.

SONETO

(A PEDRO MOTTA JUNIOR)

Meiga, divina, quedamente via
O mar crescendo volumosamente,
E ouvia as notas da canção dolente
Que a brisa então no cahir do dia.

Estando triste, tristemente lia
O nome santo de seu noivo auzente
Nas curvas ondas quando o mar fluente
A praia assoma no cahir do dia.

E sempre nessa posição de virgem
Arrebatada na voraz vertigem
Da negra sorte d'este amor fallaz:

— Chorava muito da descrença o pranto
Longe, bem longe do seu amor tão santo
Que foi um dia para nunca mais...

CORREIA LIMA.

As duas cegueiras ou o cego duas vezes

Passeando um dia pelas ruas de uma populosa cidade, deparei com um velho cego que mendigava a sua parca alimentação, guiado por uma gentil e loura criancinha—Separava-os um bastão de mais de um metro, cujas extremidades—uma seguravam-n'a as mãos pallidas e tremulas do velho, e a outra a mão pequenina e trefega do menino.

Acompanhei-os machinalmente por algum tempo, attrahido pelo abysmo da penuria fascinado pelos nimbos do mysterio e da magestade que circumdavam a fronte rugosa e triste do ancião, diferenciando-o da rotineira e uniforme turma dos pedintes.

Infundia-me profunda commoção a contemplação d'aquella scena vivia em que, por um capricho da sorte, a infancia guiava a velhice, a inexperiencia e irreflexão natural da primeira estação da vida encaaminhava as passos da madureza experimentada e pratica do Inverno da existencia.

A despótica força das circumstancias a necessidade operava aquella anomalia, que aliás tem muitas congêneres na complexa e variavel vida social. Entretanto a idade do senso e da experiencia exercia sempre a sua supremacia moral sobre a idade quasi que louca do instincto e da inconsciencia, embora os cabellos dourados do menino fossem o fio que dirigia os passos do velho por entre as trevas de sua tenebrosa noite, os cabellos prateados deste eram as correntes fortes e doces ao mesmo tempo que prendiam os impulsos e velleidades insensatas d'aquelle.

A creança, que accusava ter de sete a oito annos, dizia de minuto a minuto, quasi que automaticamente, impellida pelo poder do habito ou pela magia do instincto: « Ahi tem uma descida, papá, » « agora vamos subir » « aqui tem uma pedra, » « não caia no buraco, papá, » « ande por aqui, » etc; mas o velho, levado tão somente pela razão e pelo pensamento, advertia-o tambem de quando em quando: « Desvia-te das carroças, meu filho », repara para os carros, menino, não vás atropellar-nos n'elles, » « vamos para o passeio, por causa do bond » « porque estás parado? caminha! », etc.

Pelo confronto das ultimas phrases com as primeiras, vê-se intuitivamente que, ao passo que um guiava o outro materialmente, este guiava aquelle racionalmente: os olhos do filho eram os olhos do pae, mas a razão e a intelligencia do pae eram os olhos do filho. Apparentemente o menino encaminhava o velho, mas realmente era o ultimo que encaminhava o primeiro.

Não obstante essas ponderações, não pude sacudir de sobre mim o crepe de impressões tristes e desolantes com que me cobriu aquelle espectáculo real, aquelle quadro doloroso que representava, embora á primeira vista, o filho exercendo precocemente as funções de pae, a creança anormalmente occupando o lugar do velho.

Voltei para casa. E aquella carga pesada de attribuições precoces, quer em relação á familia, quer em relação á idade, pesando sobre os tenros hombros de uma creança, aprisionou a minha attenção na gaiola ferrea de uma meditação absorvente, dentro do qual os gorgeios agudos e impertinentes da insistent ave da curiosidade despertaram-me o desejo de conhecer a historia do velho e do menino.

Nos dias seguintes continuei a ver os dous mendigos sempre separados pelo bastão de mais de um metro. O meu itinerario ás vezes coincidia fortuitamente com o d'aquelles que viviam da triste profissão de pedir.—Continuava a impressionar-me doce e amargamente não só ver o menino

(1) *Revista Brasileira* tomo 4.º fasc. 23 pag. 300.

(2) *Visita á Terra Natul* pag. 95.

(3) *La Reaction contre le positivisme* pag. 250.

encaminhar suavemente a seu pae por entre os accidentes de ruas mal calçadas, mas tambem ver o ancião intensificar com a luz argentea de sua cabelleira prateada,—verdadeiralua de doçura, verdadeiro—santelmo de experiencia,—a claridade ainda indecisa da aurora da vida de seu filhinho.

E ateiava-se o fogo de minha curiosidade, alimentado pelo porte nobre e distincto do velho soprado por suas palavras resignadas que o assignalavam no meio do formigueiro dos mendigos.

Afinal vim a saber a sua historia, attrahido pelo abysmo da penuria, fascinado pelos nimbos do mysterio e da magestade que circumdavam a sua fronte rugosa e triste de ancião, differenciando-o da rotineira e uniforme turma dos pedintes.

..

A sua historia é singela como a infancia, respeitavel e digna como a velhice, mas profunda de magoas como as rugas que sulcavam o semblante de seu inditoso protagonista.—Reproduzil-a-ei, em synthese, tal qual a ouvi dos labios de meu informante.

O velho fora um artista habil, trabalhador e muito bem reputado. Muito probo e honesto, fora geralmente bem quisto nos circulos de seus freguezes e amigos.—Chamava-se João Carlos de Castro, mas era conhecido simplesmente por mestre João.

Mestre João fora casado, e a arvore do casamento produziu-lhe oito fructos, cinco dos quaes, ainda verdesinhos, tinham sido podados pela foice da morte.

O pae amoroso em extremo soffrera horrivelmente com a morte de cada um de seus filhinhos; subira, porém, ao Golgotha do pezar, quando o berço de seu ultimo filhinho trouxera para casa o esquife que vinha buscar para a Cidade dos Mortos o cadaver de sua idolatrada esposa.

A creança, cujos primeiros vagidos confundiram-se com os ultimos suspiros de sua mãe, e que vira pela primeira vez a luz que ella via pela ultima, era a que mais tarde devia guiar a seu pae pela estrada tortuosa e accidentada das esmolas e dos perdões.

Com o innocente matricida, si assim se pode chamar, sobrevieram á boa companheira do futuro mendigo mais dous filhos—um rapaz de dezoito annos e uma moça de quinze.

A segunda encarregava-se da criação do irmãozinho, cujo nascimento orphanara a todos trez; o primeiro tomara a peito auxiliar o pae, na manutenção dos destroços da familia.

Dois annos depois da morte da sua esposa, duas desgraças cahiram uma após outra sobre a cabeça de mestre João mais encanecida pelo soffrimento do que mesmo pela idade. Sua filha, a mãe de criação de seu caçulo—chamado Jorge,—o simoum da morte arrebatou-a para o tumulo com as flores de sua mocidade virgem, deixando crivado dos espinhos da desolação e da saudade o coração do pobre artista.—Decorridos apenas tres mezes a cataracta já lhe rouba a luz de um olho, roubando-lhe a do outro, deixando-o immerso nos negroses da cegueira e da miseria, trazida pela impossibilidade do trabalho, consequente da perda da luz visual.

Entretanto o filhinho mais velho, herdeiro das aptidões e da coragem para o trabalho de seu progenitor, successor de sua boa reputação facilmente ponde prover a todas as despesas indispensaveis para as vidas dos trez entes vinculados pelos laços do sangue e do infortunio.

A miseria descarnada e andrajosa batera á porta de sua casa, mas fugira enxotada por um porteiro cuidadoso e energico—o trabalho.

Jorge contava já seis annos, quando faltou o unico esteio a que se animavam elle e seu pae cego: derribou-o tambem a

morte que esmerava em opprimir e perseguir aquella familia.

A desgraça então foi inevitavelmente medonha: a miseria descarnada e andrajosa teve entrada franca na casa.

O velho, curvado então sob o peso de 56 annos, rolou pelo despenhadeiro de todas as dores imaginaveis, e cahiu afinal na voragem do desespero, ao lembrar-se de que para viver e para alimentar a seu filhinho era preciso pedir.

Mas a necessidade é intransigente; foi preciso reagir contra o desespero. E assim trez dias depois que se fechara a cova em que se havia sepultado o braço trabalhador e forte da familia, o velho fazia-se mendigo tomava a sacola de pedinte e ia percorrer as ruas da cidade, guiado por seu filhinho e por um menino de onze annos, filho de um visinho seu.

O que mais fez soffrer o pobre homem, ao adoptar aquella desgraçada profissão, foi sem duvida alguma ter de ser auxiliado por Jorge. Era imprescindivel a admissão do menino na penosa empreza, cujos proventos minguados tinham de ser distribuidos egualmente pelos dois.—Era uma verdadeira sociedade, em que o velho entrava com o capital representado pela somma fabulosa de suas dores e por sua cegueira, e o menino com a luz de seus olhos que serviria de pharol, pelo qual se guiava o primeiro para despertar a piedade do publico, exhibindo ante elle em uma deploravel peregrinação o seu corpo alquebrado, o seu semblante macilento e os seus olhos velados.—Era, pois, indispensavel o concurso dos dois para a produção de esmolas escassas.

A criança não conhecia as ruas, e foi por isto que aquelle visinho bondosamente consentira que um filhinho seu o acompanhasse pelo menos nos primeiros mezes.

Extincto aquelle praso, Jorge, que era de uma actividade muito temperada, já orientado convenientemente na travessia das ruas, assumiu sosinho as funções de guia.

Havia quatro mezes que o pequeno Jorge ganhava indirectamente a sua subsistencia e seu pae, quando os vi pela primeira vez.

Decorreram alguns mezes; depois que eu depositava no archivo da memoria a historia do passado d'aquelles dous seres, singela como a infancia, respeitavel e digna como a velhice, mas profunda de magoas como as ruas que sulcavam o semblante do mestre João.

Encontrava-os sempre no desempenho de sua espinhosa tarefa, mais ainda não pudera suprehender um colloquio entre os dous.

Um dia, ao sahir de uma egreja, onde tinha havido missa de festa, divulguei no atrio muitos pobres com as mãos, os chapéus e as sacolas estendidas ás mãos bem-fazejas dos fieis, cantando todas tristes e adequadas. Entre elles divisei a figura principal de minha historia, que não podia n'aquella occasião, entretido como estava em conversar com o filhinho.

Acerquei-me d'elle, e ouvi sua voz rouquenha e dorida que dizia as menino: «Ah, meu Jorge, como eu desejo curar-me de minha cegueira para livrar-te da cegueira da ignorancia! Quão feliz seria eu, se recuperasse a luz visual para dar-te a luz da instrucção!

—Jorge, por sua vez fallava com sua voz fresca e chystalina: «Oh! eu tambem desejava muito que o papá enxergasse a luz do dia, para que me fizesse enxergar a luz que como diz sempre o papá, irradia d'aquelles louros lá de casa.

Não haverá remedio que o faça ver, papá?

—Ha um, meu filhinho, a operação. Outra vez, quando vivia o teu irmão, eu não queria de modo algum sujeitar-me a ella—tinha medo; hoje, porém, que elle morreu, privando-te de seus cuidados edu-

cacionais, estou disposto a tudo por amor de ti, por amor de tua educação. Não obstante, o nosso desejo não pode ser realizado. Existe aqui um oculista afamado, que faz sempre operações cheias de exito; mas elle é um medico encaridoso que não gosta de trabalhar de graça, e nós não lhe podemos pagar, meu Jorge, porque somos pobres de pedir esmolas. Continuarei, pois, cego uma vez que não ha remedio.

Não, papá, Vmce. não continuará cego. Iremos á casa desse medico, e pedir-lhe-ei em nosso nome a vista para meu pai e a instrucção para mim; elle nos atenderá, tenho o presentimento de que Deus abençoará o nosso justo desejo.

Pois bem, filhinho, vamos lá; no dia em que terminar para meus olhos a temivel noite da cegueira, começará a raiar para teu espirito a aurora do luminoso dia da instrucção.

E com esta phrase encerrou mestre João o dialogo, confiante e reanimado pela voz angelicamente inspirada da criança.

E dirigiram-se os dous ansiosamente esperançosos para o consultorio do medico afamado, mas encaridoso.

No dia seguinte soube por um amigo que o medico impressionado, arrastado pelo magnetismo doce da supplica de Jorge,—que revelava o desenvolvimento prematuro de sua intelligencia e o seu desejo ardente de instruir-se,—rompera com sua mão perita os véos que interceptavam a luz dos olhos do velho mendigo.

Algum tempo depois da operação feliz, mestre João, que estava prestes a fazer 58 annos, consagrou-se de novo á sua arte que por força maior abandonava ha quasi 6 annos.

—Começou ao mesmo tempo a infiltrar no espirito verde de Jorge os primeiros rudimentos das lettras no intento de mais tarde collocol-o em um collegio.

Todavia não trabalhava com aquelle fervor de outr'ora, parava de instante a instante, não por imposição da velhice ou por ordem de seu alquebramento physico, mas porque tinha saudades de seu tempo de mendigo, porque se affizera á ociosidade, quasi que repugnando-lhe o trabalho.

Os cegos mesmo devem trabalhar: este que não o fizera, tinha agora preguiça.

As brazas daquella extraordinaria actividade de outros tempos não podiam mais se aviventar, cobertas como estavam pelas cinzas frias de quasi 6 annos de inercia.

A ociosidade, até mesmo a que é filha das circumstancias, modifica os caracteres, transforma-os, altera-os quasi que radicalmente.

Para a casa do velho que gosava sempre da fama de bom artista convergiram logo quasi todos os antigos freguezes e grande numero de novos,—e elle quasi que os repellia, expulsando a pontapés a sua fortuna e a de seu filhinho que lhe entravam pela casa a dentro.

Em dados momentos tinha saudades de seu passado de lagrimas, das humilhações, das esmolas, das excursões amarguradas de mendigo. Cossa mysteriosa e incomprehensivel! O que dantes lhe causava horror agora lhe inspirava saudades! E' que a ociosidade tinha-lhe apagado com seu sopro lethal os lumes da coragem e da energia, e agora elle adiava o trabalho que outr'ora tanto amava!

Chegou até a desejar cegar de novo para voltar a seu triste officio; não succedendo, assim, procurou as investidas de uma cegueira moral, da cegueira do espirito e do coração, oriunda do vicio e da vagabundagem. E tendo asco á vida tranquilla do trabalho e da paz, e esquecendo-se até do que promettera ao filhinho, frequentou as tavernas, cercou-se de máos compaheiros, jogou e perdeu, bebeu e embriagou-se.

Inviadia-o pouco a pouco uma segunda cegueira mais terrível e mais pernicioso do que a primeira. A antiga arrebatara-lhe apenas a luz material, a nova acabaria por arrebatá-lhe toda a luz intellectual e toda a luz moral. As cartas do baralho vestindo-lhe a alma com a roupagem de suas figuras vistosas e fallazes, com cataractas mil vezes mais maleficas do que lhe tinham envolvido as pupillas em uma camisa de nevoa pardacenta. As nuvens da embriaguez, obscurecendo-lhe o espirito, cegando-o para os seus deveres de homem e de pae, eram mais negras e mais funestas do que aquelles que lhe tinham produzido um eclipse visual de quasi 6 annos, inhibindo-o de ver o céo e a terra, confundindo para elle n'uma só escuridão o dia e a noite. Durante a primeira cegueira elle, si não via o filho physicamente, via-o com os olhos da intelligencia e do coração; durante a segunda elle mal poderia enxergar-o por entre os vapores do alcool, por entre as sombras das cartas e dos dados.

A principio a sua nova cegueira tinha intermittencias; n'esses rapidos periodos de luz o velho arrependia-se, fazia protesto. Travava-se uma luta de morte entre a luz e as trevas, entre a virtude e o vicio, mas sempre triumphava este, porque tinha a seu lado uma alliada poderosa a ociosidade em que vivera elle perto de 6 annos.

A indolencia sobrepujava a actividade e mestre João voltava para as casas de jogo e tavolagem a beber e a jogar, arrastando consigo Jorge, que, alem da cegueira da ignorancia, estava ameaçado da segunda cegueira de seu pai, que lhe seria transmittida pelo insidioso microbio do mau exemplo.

Em um dia, em que o velho recuperava por momentos a luz fria e penetrante da razão e a luz affectiva e branda do coração, Jorge lhe disse:

«Papá lembre-se da promessa que me fez—no dia em que terminar para mim a terrivel noite da cegueira, começará a raiar para teu espirito a aurora do deslumbrante dia da instrucção; ha dous annos que o pai enxerga, e o meu espirito chegou apenas lobrigar os primeiros alcores da aurora do dia da instrucção.

Entretanto vejo que o pai adquire voluntariamente uma cegueira que o priva de ver tudo, até a promessa que fez a seu filho.

Papá, cure-se desta segunda cegueira por meio das operações infalliveis da virtude e do trabalho executadas pelas mãos eximias d'este grande medico---a força de vontade,

Desejo ver em seu zenith o sol da instrucção; cumpra a sua promessa, papá, liberte-me da noite da ignorancia».

O pai chorou e voltou a trabalhar com mas ardor.

Não foi, porém, perseverante.—A ociosidade tinha deixado feridas enormes n'aquelle caracter que so poderiam cicatrizar com o remedio energico de uma valorosa força de animo.

O velho olhou em derredor de si, e viu isolamento, em vez de sua terna e forte companhia e de seus filhos queridos; lançou um olhar retrospectivo para a estrada de seu passado, e viu-a juncada de cadaveres de entes amados.

Aquelle isolamento em derredor delle, que tivera tantos filhos aquella evocação do seu phantasmas de sua esposa e de seus filhos, eram outros tantos estímulos que o impulsionavam para o vicio.

Depois de ter ganho algum dinheiro voltou a derramar-o no sorvedouro do jogo, ou a volatilizar-o no aparelho da embriaguez.

— Então ficou completamente cego pela segunda vez, mas de uma cegueira mais pernicioso do que a primeira, da cegueira moral, da cegueira do espirito e do

coração, oriunda do vicio e da vagabundagem.

Jorge, que tinha uma couraça ingenua contra a tyrannica lei da imitação, pouco fugir ás trevas que cercavam a seu pae trevas que o attraíam e seduziam com uma luz de sereia peculiar a todos os vicios.

Breve encontrou um antigo amigo de sua familia, que lhe fez a mais sublime das caridades—deu-lhe ao espirito o pão da sciencia e ao coração o alimento da educação.

— Collocou-o em um importante collegio.

São passados dous annos. Mestre João continúa a viver cego, tropeçando pelas cadeiras das tavernas, cabeceando pelas mezas de jogo, sem ver nada, nem mesmo o filho.

Jorge, que faz progressos admiráveis no collegio, já vê bem alto o sol da instrucção, caminhando radiante e magestoso pelos infinitos paramos da sciencia. E relatando a seus amigos e collegas mais do intimo a historia de seu pai diz:

«Meu pai teve duas cegueiras: a primeira que lhe velou os olhos do rosto foi menos funesta do que a segunda que lhe vendou os olhos do espirito e os do coração; com a primeira elle me comprehendia, me amava e desejava instruir-me, com a segunda elle repudiava-me quando não arrastava-me para seus vicios! a primeira não era contagiosa, ao passo que ao virus da segunda escapei por uma causa que não explico; da primeira elle curou-se, e segunda levou-o á ao cemiterio sepultando ao mesmo tempo no pantano do despreso e da desconsideração seu nome outr'ora respeitado e amado.

GONZAGA DE ARRUDA.

HABEAS-CORPUS

A nossa Constituição no § 22 do art. 72, estabeleceu o *habeas-corpus*, como uma garantia a liberdade individual, que segundo B. Gonstant, «é o fim de toda associação humana, e a base da moral publica e privada, da industria, da paz, da dignidade e da felicidade do homem.»

Nós, assim como todos os povos modernos devemos o *habeas-corpus* á Inglaterra.

As liberdades que ha muito gosa o povo inglez, e de que se orgulha com razão, são o fructo do tempo e da experiencia.

As leis que as sancionam e garantem, foram arrancadas pelo parlamento ao poder real.

Desde os mais remotos tempos, os attentados contra a liberdade individual chamaram a attenção do parlamento, que empregou todas as suas forças para os prevenir.

Uma lei que é coeva a outorga da Magna Carta, estabelece o principio, que a liberdade dos cidadãos não deve ficar ao arbitrio dos Juizes: manda ao *Sheriff* (fiscal) de cada condado, que verifique com a menor demora possivel, sobre as causas da detenção de qualquer cidadão, nas cadeias, e segundo as circumstancias impõe-lhe o dever de mandar soltar sem mais formalidade, ou de baixo de fiança.

D'entre os meios adoptados pelo poder legislativo o mais importante foi o seguinte:—Todo o cidadão tinha direito, quando era preso, de requerer ao Supremo Tribunal da Inglaterra (Kings Bench un *writ d'habeas-corpus* (uma ordem de protecção corporal), chamada assim porque a lei começa pelas seguintes palavras: *Habeas-corpus ad subjiciendum* etc.

N'este *writ* ou ordem o rei ordenava aquelle que effectuava a prisão de alguns de seus subditos a apresentar-se perante o juiz com a data e motivo da prisão, afim de submeter-se ao que a autoridade determinasse.

Memoravam-se n'este *writ* estas palavras da Magna Carta: «Nenhum homem, no livre exercicio de seus direitos, poderá ser castigado sinão pelo julgado dos seus pares, ou em virtude de uma lei do paiz.»

Comtudo esta lei cahio em desuso debaixo do governo absoluto das Tudors, e no começo do reinado dos Stuarts.

Sob Carlos I o parlamento que trabalhava com todas as forças para restringir a prerogativa real que tomara grande incremento, quiz pôr termo aos pretextos que os juizes encontravam para illudir esta lei, sobretudo quando se tratava de perseguições politicas.

Mandou inserir no acto outro decreto relativo á supressão da *Camara Estrelada* (ou tribunal de inconfidencia) um artigo que determinava, que se concedesse sem delongas um *writ d'habeas-corpus* a qualquer que fosse mandado prender, ainda que a prisão se fizesse por mandado real, ou por ordem de conselho privado; comminando aos juizes peçadas multas no caso de não examinarem e decidirem nos tres dias depois de passado o *writ* (mandado) a legalidade da prisão julgar-se-ia que o artigo de uma lei que tanto interessava a liberdade publica não fosse violado, todavia o foi por diversas vezes, nas luctas civis que tornaram memoraveis os ultimos annos do reinado de Carlos I, e especialmente durante as reacções que deram lugar á restauração dos Stuarts.

Somente no anno de 1675 foi, que a oppressão exercida contra um obscuro cidadão, de nome Francisco Venks, chamou a attenção do parlamento sobre esta questão. Desta vez não se limitou somente a mandar inserir um artigo na lei; fez uma lei expressa para decretar positiva e formalmente, que nenhum poder tinha direito de reter preventivamente qualquer cidadão nas prisões. Este foi o famoso acto chamado do *Habeas-corpus*, cujo titulo verdadeiro é:—Acto que tende a assegurar a liberdade dos cidadãos.

Os inglezes o consideram, com muita razão como uma das primeiras salvaguardas das suas liberdades.

Tem sido infelizmente suspenso, algumas vezes nos periodos de oscillações politicas, principalmente pelo ministro Pitt, no começo da revolução franceza, e nos ultimos annos da lucta entre a França e a Inglaterra.

Os inglezes, porém, são tão severos sobre este abuso do poder, que o rei, quando os ministros lançam mão desta medida violenta e arbitraria, usando da sua prerogativa, concede-lhes anticipadamente perdão geral, receando que ao subir do ministerio, hajam de ser citados perante a camara dos pares, e condemnados a graves penas.

Entretanto é nos pezaroso confessar que esta lei, que os inglezes ha muitos seculos acatavam com a veneração de um dogma, foi desrespeitada entre nós, em plena republica federativa, por aquelles que deviam ter por lemma o respeito á liberdade individual.

ERNESTO GARCEZ.

ZELIA

(AO RODRIGO COSTA)

... Resvala de manso, entre os nenuphares, leve batel muito alvo como um

flocco de espumas, no rio blandiflúo e translúcido.

Calma ineffável...

Estranha sonata feita de murmúrios evolva-se docemente, profundamente no ar perfumado...

Cyns ruflando as plumas, escorregão profugos, placidos, tranquillos n'água serena e murmura a descer... a descer...

Zelia—candido nelumbo de minh'alma, palpita langurosa no enleio dos meus braços; e aninhando-nos, às sós, resvala de manso, entre os nenuphars, leve batel muito alvo como um flocco de espumas, do rio blandiflúo e translúcido.

Enlevos infiltra-me seu almo olhar.

Inebria-me o casto aroma do seio nívoso—como que feito de effluvíos de magnolia e de lactecencias de luar...

E como um ninho perfumeo em que nossos lábios soffregos unem-se em dulcíssimos pipilos de beijos... resvala de manso entre os nenuphars, leve batel muito alvo como um flocco de espumas, no rio blandiflúo e translúcido.

SOKIANO DE ALBUQUERQUE.

Da Gonçalves Dias.

A QUESTÃO DO DIVÓRCIO

Secularizado como acha-se hoje entre nós o matrimonio e por conseguinte emancipado do jugo da igreja catholica a qual por muito tempo esteve jungido é de imprescindível necessidade em nossa legislação a medida salutar e benefica do divórcio. E é preciso que por elle trabalhemos com toda coragem, para que tenhamos uma instituição que é de grande alcance social.

A questão do divórcio é uma das mais serias, melindrosas e delicadas que existem no campo da philosophia juridica e si é grande o numero dos que sustentam esta instituição, não é diminuto o daquelles que a combatem tenazmente.

Accito hoje em quasi todas as nações da Europa, assim como na vasta confederação norte-americana, o divórcio é hoje uma lei suprema de utilidade social e prohibil-o sob o imperio de uma legislação que reconhece a liberdade e a egualdade dos cultos e que faz do casamento um contracto civil, é confundir o dominio da consciencia com o dominio da lei e subordinar um culto ao outro, conforme diz Alloury.

Nós somos sectario intransigente do divórcio, porque nelle vemos um porto de reserva para o naufragio da arca santa da familia, como pensa um escriptor brasileiro. Reconhecemos que é elle a unica medida, o unico remedio que pode salvar e salvaguardar a dignidade da familia e mesmo aquelles que o combatem, hão de reconhecer em consciencia que casos ha em que a indissolubilidade do matrimonio não pode subsistir.

A indissolubilidade pode ser como pensa Cimbale, uma conquista preciosa de uma civilisação que traz o cunho dos seculos e que representa o ideal da convivencia domestica, mas essa indissolubilidade em muitos casos é causa de grandes males que podiam ser evitados, é causa de grandes crimes que não se commetteriam, com a dissolução do vinculo matrimonial.

A lei da indissolubilidade é uma lei tyrannica, ferrenha, iniqua, lei insustentavel perante os principios e a razão e só a defendem os que, abjurando seu proprio criterio, aceitam cegamente como axioma a superioridade da lei civil, a respeito dos actos civis das leis elasticas da igreja catholica, segundo exprime-se um notavel polemista patrio.

Ha na humanidade, dizia Náquet, o propugnador mais fervente do divórcio em França, ha na humanidade dous sentimentos que são os mais elevados e os mais nobres entre os sentimentos humanos, ao mesmo tempo auxiliares da honra e salvaguarda de toda sociedade: esses sentimentos são o da familia e o do amor. Eaos esposos separados, disse a lei da indissolubilidade: Pois bem, para vós outros, esses sentimentos ficam prohibidos: já não tereis familia, não amareis mais.

Os escriptores, que aceitam a indissolubilidade, querem que a simples separação de corpos preencha todas as condições que só ao divórcio é dado preencher, tendo ainda a vantagem de uma conciliação futura. Mas esse argumento fragil e capcioso é absolutamente insustentavel.

Uma vez ferida a paz domestica, diz Viveiros de Castro, expostas ao publico estas luctas que o pudor encobre, perdidos o amor, o respeito, a estima, não ha mais conciliação possivel, si os conjuges tem nobreza d'alma e delicadeza de sentimentos.

Ha injurias que não se esquecem. Os lábios entumecidos por uma bofetada, continua o mesmo escriptor, não podem mais entreabrir-se em sorrisos de amor

neste caso pensamos com Larcher que o divórcio é um remedio, enquanto a separação um simples paliativo.

E nós não podemos comprehender como pode permanecer materialmente indissolúvel o que moralmente, internamente já não existe, incoherencia absurda da qual vemos quasi dlariamente estas luctas que a sociedade envergonhada contempla.

E' da indissolubilidade que partem as hediondas tragedias conjugaes, quando um esposo julga-se ferido em sua honra pela infidelidade do outro.

E' pela indissolubilidade que «muitos homens ha que simulam ignorancia da profanação de sua honra para evitar a publicidade da affronta que em silencio devoram, assim como maior é o numero de mulheres que também silenciosamente supportam privações de todo genero, moderam os impetos de sua dignidade ferida pelo vicio, pelo máo trato e pela existencia nem sempre occulta de conculinhas que lhe roubam os affectos e a fortuna» como já exprimio-se alguém.

E neste caso o divórcio é o unico meio de sustentar a sociedade, ou como quer Cavagnari, o meio de prevenir de modo efficassissimo as desordens sociaes, de proteger a prole, victima das dissidias domesticas e do abandono que muitas vezes constitue o ultimo acto do triste drama conjugal, de fortificar e sustentar as bases já relaxadas e frouxas da familia, e nós o invocamos como aquelle escriptor como instituto de prevenção social do delicto como substitutivo penal, na ordem social.

LAUDELINO BAPTISTA.

VISÃO

Dorme a brenha ao luar; silente é tudo.

A espaços, aos soluços da nortada,

Geme sinistra a selva, amortalhada

Logo na paz do horror pallido e mudo.

Hora negra ao viajante... Alguem, comtudo,

Passa entre as sombras da deserta estrada;

Resfolega o corsel... A' luz magoada.

Tremulo ondeia o matagal folhudo.

Subito, alveja além tetro clarão;

Caracola o ginete; eis que ao Nordeste

Mais tremula o phantasma em negro chão...

Sangram ilhaes, o cavalheiro investe,

E, hirtlo, alçando o punhal contra a visão,

Crava-o na folha da palmeira agreste.

AUGUSTO CAVALCANTI.

SONETO

(A PEDIDO DO AMADEU)

Adeus meu Ideal, minha ventura

Divina vóz de um coração amado,

Ledo sorrir que traz-me arrebatado

Supportando esta vida d'amagura.

Serás tu a Divina formosura

Que encarna uma peito, amante idolatrado,

— Laço estreito que traz encadeado

Gentil alma repleto de candura.

Quando a sorte os meus dias bafejando

Venturoso fizer o meu futuro

Meus anhelos febris realizando

Te protesto um amor sagrado e puro,

Inda que para longe me ausentando,

Serei firme, constante, não perjuro.

NEWTON BURLAMAQUI.

As religiões são uteis ao homem?

THESE LIDA NA SOCIEDADE LITTERARIA
GONÇALVES DIAS NA SESSÃO DE AS-
SEMBLEA GERAL EM 28 DE
JUNHO DE 1896.

Designado pelo Sr. Presidente d'esta associação para dissertar sobre a these « As religiões são uteis ao homem? » excedi o tempo designado por nossos Estatutos, bem contra a minha vontade, faz-se mister que o diga, porem por motivos que já apresentei aqui em sessão e que o Sr. Presidente achou tão justos, que me concedeo a prorrogação de praso por mim requerida.

Faltando-me competencia para tratar de um assumpto como o de que se occupa a presente these, comtudo vou dizer alguma cousa sobre a mesma pois assumi perante a *Gonçalves Dias* semelhante compromisso e assim o fiz convicto de que vós sabereis relevar um tosco trabalho de quem não tem pratica de escrever.

Começo por declarar que respondo á questão affirmativamente mesmo porque, penso, ser intuitiva uma tal resposta em these como a de que ora trato

As religiões são uteis ao homem?

Quem o dirá que não?

O que fará um homem sem religião?

Sem precisar ir muito longe, vemos, consultando a *Geographias*, que cada povo não deixa de professar um culto qualquer.

Na Europa parte do mundo em que se acham situados os paizes mais civilisados, cada povo tem seu culto; assim é que os Italianos, os Francezes, os Belgas, os Hespanhóes e tantos outros seguem a religião Catholica, Apostolica Romana.

O Protestantismo é o culto aceito na Inglaterra, Escossia, Noruega, Suecia, Dinamarca, em muitos cantões da Suissa, etc.

Na Russia, Grecia, Servia, Rumania e

alguns outros predomina a religião grega schismatica.

Os Turcos e alguns Judeus professam o Mahometismo.

Analysando ainda cada parte do Universo continuaremos a ver cada povo com sua religião, inclusive os negros na Africa, que tem como religião o fetichismo e outras praticas grosseiras.

Um distincto escriptor, cujo nome não me occorre agora, disse que o numero de religiões é illimitado, o que vem ainda uma vez confirmar o que já disse acima.

Philophos distinctos, homens do grande nomeada consideram e mui justamente a religião como o mais poderoso factor, entre os muitos que aperfeiçoam a intelligencia, a moralidade e o bem estar de um povo.

Mr. Chauvet na sua obra *L'Education* diz: « O instincto religioso se exerce por si mesmo e se não desde os primeiros dias ao menos desde os primeiros annos. »

Pelo que vê-se n'estas palavras de Mr. Chauvet a religião é, pode-se assim dizer, uma funcção da vida humana, pois mais tarde ou mais cedo o instincto religioso apparece no homem.

Mais adiante diz o mesmo escriptor: « A educação religiosa do menino terá sobre si, sobre seus pensamentos, suas acções e seus sentimentos não uma influencia de um dia, mas uma influencia de toda a vida. »

Isto importa dizer que pelo religião é que os individuos tem de pautar os seus actos e portanto ella torna-se indispensavel.

Podia com estas simples considerações dar por sustentada e provada a opinião que adopto; porem para fazer calar mais no animo dos charos consocios a verdade da mesma opinião, quero mostrar alguma cousa que diz o Dr. Sylvio Romero nos seus *Ensaos de Philo sophia do Direito*.

Diz o illustre mestre da Faculdade Li-

vre de Direito do Rio de Janeiro: « Ainda da hoje os naturalistas de velho estylo acreditam que a sciencia está destinada a substituir a religião. »

« Ainda em nossos tempos muita gente suppõe que a arte vai morrer, deixando seu lugar á sciencia ou á industria »

« Estas e outras cousas analogas correm por ahi afoitamente. »

« Mas a ideia capital aqui não é só a determinação das creações fundamentais do homem; é principalmente mostrar que entre si são irreductíveis. »

No mesmo capitulo um pouco mais adiante accrescenta o illustre escriptor: « Podemos affirmar, sem medo de errar, que cinco, apenas cinco, são as classes, as especies diversas de actos e phenomenos culturais, que constituem a civilização humana, como ellas e tem desenvolvido desde os mais remotos tempos da pre-historia até aos dias de hoje. »

« E chamam-se ellas: religião, arte, sciencia (comprehendendo *philosophia*), politica (tomada no mais generico sentido comprehendendo *direito e moral*), e finalmente *industria*. »

Pelos trechos acima transcriptos vê-se que o Dr. Sylvio Romero afirma serem as creações fundamentais do homem irreductiveis, e vê-se tambem que na enumeração das creações fundamentais acha-se collocada em primeiro lugar a religião, e em virtude do que afirma o mesmo Dr. chega-se a conclusão de seu a religião é irreductivel o que importa dizer que ella não poderá de forma alguma ser substituida por outra qualquer cousa, isto é, ou pela sciencia, ou pela arte, etc.

Parece-me que com estas poucas palavras acha-se justificado o meu modo de pensar a respeito de semelhante assumpto.

PEDRO CIRNE.

SUPPLICIO

Vaes !... e minh'alma lacrimosa deixas
Vergada ao peso de sentidas queixas,
Ao crebro e duro martellar a sorte !...
Vaes !... e d'ausencia no feral martyrio
Nos larges estos de tenaz delirio.
Os céos, a terra, só me dizem—morte !
Oh !... como esvae-se de meu peito a crença,
Nos invios plainos de ventura immensa
Lepida as vezes altancira e forte !

Do equoreo abysmo nas sulcadas vagas,
Profugas, longe das terrenas plagas
Naufrago examine vai lutar com fé
Si um astro brilha... mas, si a nuvem corre
E o vella,—exhausto si desvaira e morre
Acha na morte lenitivo até...
Quem d'esta vida nas crueis vertigens
Sem riso meigo, sem uns olhos virgens
Pode aos embates resistir de pé ?

Quem ?... si aos fastigios de ideaes supernos
Uns meigos olhos não lhe dizem ternos :
« Descança a fronte sobre o peito meu,
Mitiga as ancias das paixões ferventes
No mel suave dos meus labios quentes,
São-me os cabellos o sacrario teu,
Vamos felizes sobre um mar de encantos
De extase em extase, em desmaios santos
Langes, unidos aportar no céu ? »

E como me deixas-me—avesinha meiga.
Nos mestos ermos da cerulea veiga
Languida e triste, gemebunda e só ?...
Si em desvarios te idolatra est'alma.
No embate horrivel si falece a calma
Da pobre estulta, meu amor, tem dó ;
—Folha agitada que o tufão desprende
Sem teus olhars é a flor que pende
Da erma estrada no funereo pó.

Vaes !... longe... longe... no zurzir da magoa
Seguem meus olhos ararados d'agoa
Teu vulto immoveis, carinhosa flor ;
Te distancias e recresce ainda
Saudade acerba, tormentosa, infinda,
O aneio, a chama de meu casto amor,
Em fim te occultas... de afflições em meio
Corre-me as veias, me confrange o seio
Gelida vaga de tristeza e dor.

Voltas meu anjo ?... á tua doce imagem
Sorri minh'alma... de teu riso á aragem
Vem largo incendio se atear em mim,
Como ave implume, que em langour dormita
Tremula, aos vooes paternaes se agita
Sinto-me a vida borbulhar assim ;
De almos enleios na candura immensa
Lepidas azas humilhada a crença
Mystica, em sonhos, espaneja em fim.

Quando aos enlevos, que teu ser dedilha
Risonha e meiga dir-me-has, oh filha :
« Aninha a fronte nos cabellos meus,
Junto ao meu seio poderás em calma
Sentir fesfiva se evolar tua alma
De envolta aos halos dos sonhos teus,
Ao brando affago de meus beijos santos
Cantor... ás notas de teus doces cantos
Faze-me estrella perfulgir nos céos ? ! »

Não sei, nem sabes... a nossa alma vive
De cruas ancias no minaz declive
Tangida ao rnde martellar da sorte !...
Sempre na ausencia no lethal martirio
A vida é a chama de funereo cirio,
Os céos e a terra balbucião—morte !

Ante a voragem que se antolha immensa
Meu anjo esvae-se luctuosa a crença
Lepida ás vezes, altancira e forte !

AUGUSTO MEIRA.

CONTOS A LAPIS...

I

E a moça muito pallida, cabellos em desalinho, olhos humidos de lagrimas, apaixonadamente dizia: « Bem junto de ti... o mundo é um paraizo! »

E o moço, tremulo, sentindo o coração arfar, mãos gelidas, imprimio na face da moça um beijo, demorado e quente, deixando escapar esta phrase secca, isolada, a derradeira expressão de quem adora: « Nem tu imaginas, stôr, como sinto n'este instante toda minh'alma coberta de crêpe! »

— Dize, amor, dize porquem és qual a razão que te martyrisa o peito, ou tr'ora sacrario onde religiosamente guardavas o meu nome!

E a moça muito pallida, cabellos em desalinho, olhos humidos de lagrimas, apaixonadamente dizia: « Bem junto de ti... o mundo é um paraizo! »

— Peccadora que es, formosa creatura! Sinto em teus labios, como um libello convincente, a prova mais cabal de um delicto perpetrado!

Tens e ainda o sinto, o effeito de uma essencia finissima—quicá o indicio de algum infame que te osculou ha pouco..

— Engano, amor, mera illusão!

Não te recordas mais que hoje, ao colhermos morangos... tu me beijaste muito?! Não trazias, meo louco, a mais delicada e legitima *Mélys* no teu peitinho bordado e no teu lenço de seda?!

... E ambos se beijaram mais... mais apaixonados que nunca!

BLOCK.

L'ANIMA TUA

E. MOZINI

(VERSÃO DO ITALIANO)

Dize: tendes nos olhos a tua alma? Oh! como deve ser negra! Deixa, deixa que eu te fixe bem, assim; deixa que eu me reflecta nas tuas pupilas, nas tuas bellissimas pupilas negras iriadas d'oiro; deixa que eu te estude, que eu te comprehenda, que eu me deleite na indefinivel expressão dos teus esplendidos olhos. Queres? Sim, a vejo, sinto a, tu deves possuir a alma ardente, Ah! os teus olhos lampejam!

Advinhei, então! Não, não cobre-os hipocritamente com as tuas lindas palpebras, bem os sabes que assim tornaste impenetravel, deixa que te estude, que te advinha, tens medo acaso?

Sim, a tua alma é ardente, e ao mesmo tempo é fria:

Sorris? Pois bem, escuta; tu ardes de ambição, tu procuras fugir, mas tu és fria para mim que te amo tanto, tu és indifferente, apathica, tu não comprehendes o meu amor, ou melhor, tu o dominas, talvez, quem sabe, o desprezas. Elle te obriga a fugir e tu aproveitas a sua insinuação,

Se fosse possivel, tu me sacrificarias sem piedade, sem o mais insignificante remorso.

Vae, esconde os olhos sobre o mysterio impenetravel das tuas palpebras porque afinal eu já pude ler nelleso bastante.

GASPAR MENEZES.

CHRONICA

—A 14 de Julho inaugurou-se o Congresso Academico, esperançosa aggre-

miação da mocidade, cujo fim nobre é reconhecido por todos os que se identificam com o Direito e as Letras. Depois de attritos ligeiros que ameaçavam esboçar a nascente sociedade vemol-a virente, forte, promettedora de sasonados fructos e isto tanto mais nos alegra quando encontramos animação dos Mestres da Academia de Direito. Seja a data da inauguração do nosso Congresso um motivo constante de estímulo para levarmos o nosso compromisso a execução completa e inilludível.

DIRECTORIA DO CONGRESSO ACADEMICO

Sociedade installada a 14 de Julho de 1896 pela mocidade Academica da Faculdade de Direito do Recife.

PRESIDENTE.—Gaspar Menezes.

1.º VICE-PRESIDENTE.—Rodolpho Gomes Filho.

2.º VICE-PRESIDENTE.—Antonio Ferreira da Annuniação.

1.º SECRETARIO.—Paulo Amaral.

2.º SECRETARIO.—Elviro Dantas.

ADJUNTO.—Alfredo Baptista.

ORADOR.—Alvaro Ottoni.

VICE-ORADOR.—Eurico Chaves.

THESOUREIRO.—José Henrique.

PROCURADOR.—Odilon de Mello.

BIBLIOTHECARIO.—Joaquim Freire.

COMISSÃO DE SYNDICANCIA.—Geroncio Carvalho, José Bernardo e Izidro Gomes.

COMISSÃO DE POLICIA.—Julio Ramos, Theotônio de Britto, Manoel Hygino, Miguel Rosa, e José Julião.

COMISSÃO DE REDACÇÃO.—Pedro Motta, Rodrigo Costa, Gaspar Regueira, Correia Lima e Laudelino Baptista.

—Tem o Congresso Academico actualmente:

Socios fundadores.....	79
Socios effectivos.....	10

—Muitissimo penhorados nos confessamos a alguns confrades nossos, nomeadamente os d'esta Capital, pelo modo por que nos receberam. Somos gratos a tantas gentilezas dos nossos illustrados collegas. Cumpre-nos agradecer a remessa d'alguns periodicos que nos tem sido endereçados. A imprensa os nossos agradecimentos, e aos talentosos confrades a nossa retribuição de visita.

—Para S. Luiz do Maranhão seguiu ha dias, infelizmente adoentado, o nosso querido collega Paulo do Amaral. Sinceramente desejamos que o nosso talentoso amigo e exforçado companheiro em breve torne á terra pernambucana disposto a manusear o não muito agradável *Corpus Juris* e a ataviar bonitas tiras para o nosso novel e já algum tanto conhecido jornal.

O Paulo que accete n'estas linhas a expressão de nossa saudade.

—Do illustrado Dr. F. A. Pereira da Costa recebemos um exemplar de seu importantissimo trabalho sob o titulo—*Em Prol da Integridade do Territorio de Pernambuco*. O nome do operoso membro do Instituto Archeologico Geographico Pernambucano não é desconhecido no mundo das letras.

Já de ha muito annexada ao territorio bahiano a Comarca de São Francisco, logo no inicio dos trabalhos parlamentares do Congresso Nacional o illustrado representante de Pernambuco no Senado Federal, Dr. João Barbalho, apresentou um projecto de lei—auctorizando o poder competente a restituir ao Estado que dignamente representa a porção de territorio que lhe foi desanexado.

Occupase, pois, o trabalho no infatigavel e erudito Dr. Pereira da Costa

do momentoso e grave assumpto que merece a consideração de todos os que se interessão pela integridade de Pernambuco. O livro em brochura, que mui gentilmente nos foi offerecido compõe-se de 43 paginas—com esplendido mappá.

Si o nosso jornal comportasse uma noticia detalhada e minuciosa, gostosamente o fariamos. Mas... nos relevará d'essa fala involuntaria o distincto e vibrante patriota, a quem agradecemos a remessa que se dignou de nos fazer,

—Foi-nos tambem offerecida a dissertação apresentada pelo Dr. Samuel Mac-Dowell Filho ao concurso da 1.ª secção que se está realisando em nossa Faculdade. Da *Codificação do Direito Internacional* é o assumpto sobre que o seu auctor trata em 48 longas paginas. Agradecemos a gentileza da offerta que nos fez de um exemplar.

—O segundo numero de nossa folha tem que registrar infelizmente a noticia de dois fallecimentos. O nosso dedicado companheiro e condiscipulo Geroncio de Carvalho acabou de ser ferido em seu coração de filho extremoso, a 5 do corrente, com a morte de seu distincto Pae. A outra victima de semelhante golpe foi o nosso não menos dedicado companheiro e collega Ramon da Costa que acaba de ser surpreendido com a triste nova de haver tombado ao tumulto a sua veneranda e extremosissima mãe. A estes nossos presadissimos amigos e exforçados companheiros de luctas e estudo nós, da redacção do Congresso, em nosso nome e nos dos demais confrades endereçamos o nosso cartão de condolencias.

ESTATUTOS

DO

CONGRESSO ACADEMICO

FUNDADO EM 9 DE MAIO DE 93

TITULO I

CAPITULO I

Artigo 1.º Fica desde logo creada nesta cidade uma associação sob a denominação de *Congresso Academico* a qual funcionará em uma das salas da Faculdade de Direito cedida pelo Director da mesma.

Art. 2.º São fins da sociedade.

Paragrapho 1.º O patrocínio das causas dos presos pobres desta capital e dos municipios a ella ligados, por vias ferreas, e para onde o transporte seja facil e diario.

§ 2.º A criação de uma revista litteraria, artistica, scientifica, politica e critica, accessivel a todos que quizerem externar suas idéas sobre aquellas materias.

§ 3.º Promover o quanto possivel os interesses de cada um dos socios ou de qualquer membro isoladamente antecedendo previo parecer da commissão de syndicancia.

CAPITULO II

DOS SOCIOS

Art. 3.º O Congresso compõe-se de socios fundadores, effectivos, correspondentes, honorarios e benemeritos.

Art. 4.º São socios fundadores:

Paragrapho unico Os que comparecerem ao Congresso até a ultima sessão anterior á installação definitiva do Congresso Academico.

(Continúa).